

Para além do silêncio da pulsão de morte

Beyond the silence of death instinct

*Maria Vilela Pinto Nakasu**

Resumo: A pulsão de morte, *silenciosa* no dizer de Freud, tem seu estatuto ampliado quando se manifesta no domínio da cultura. Este trabalho argumenta em favor da idéia segundo a qual a investigação cultural é necessária para uma compreensão ampla desta classe de pulsão. As reflexões metapsicológica e cultural parecem caminhar juntas e se influenciarem mutuamente.

Palavras-chave: Freud, metapsicologia, pulsão de morte, teoria da cultura.

Abstract: *Death instinct, silent as Freud says, has its scope widened when it comes out in the culture domain. This work argues in favor of the idea according to which cultural investigation is necessary to understand his kind of instinct. Metapsychological and cultural reflexions seem to walk hand in hand and influence one another.*

Keywords: *Freud, metapsychology, death instinct, theory of culture.*

* Psicóloga, Mestre e Doutora em Filosofia/Universidade de São Carlos (SP), bolsista FAPESP.

Experiências oriundas da clínica psicanalítica sugerem a Freud que a compulsão à repetição pode entrar em atividade em determinadas situações, como no traumatismo e nas vivências de dor, a serviço de uma tendência do aparelho psíquico que seria anterior ao princípio do prazer: uma tendência à ligação das excitações sem a qual o aparelho não tem condições de funcionar no registro *prazer-desprazer*. Após assumir que a energia pulsional em estado livre habita o inconsciente e pressiona em direção à descarga, Freud (1920), em *Além do princípio do prazer*, supõe ser a pulsão repetitiva e a compulsão à repetição um dos traços mais arcaicos da natureza do pulsional. A introdução desta hipótese no domínio da biologia acaba por ampliá-la. Tudo se passa como se a pulsão tendesse à repetição de um estado originário, visando sua própria extinção, como se ela visasse à inércia intrínseca da vida orgânica. Termos extraídos do campo da hereditariedade e da embriologia, como *pulsões orgânicas*, *compulsão orgânica a repetir*, aparecem no discurso freudiano. Existiria uma tendência da vida à regressar ao estado inorgânico por razões internas. Existiria, enfim, uma tendência da vida em direção à morte. A pulsão de morte agiria no interior do organismo, conduzindo-o para o estado inanimado e inorgânico: um estado de esvaziamento total de excitações, de a-tensão total.

Freud (1920) insiste no registro biológico como chave para a nova teoria das pulsões. Mediante o estudo dos protozoários, o reconhecimento da pulsão de morte é buscado, juntamente com a validação da hipótese de que toda substância viva estaria fadada a morrer por causas internas. A retomada de trabalhos de alguns biólogos não lhe permite, contudo, extrair conclusões do problema da morte natural:¹ ele descobre que as mesmas forças que conduzem à morte podem se ocultar nas forças que conduzem à vida. O autor tem em mãos uma hipótese, formulada com empréstimos da biologia, mas não passível de reconhecimento ou validação pelos estudos desta mesma disciplina. Logo, como reconhecer a pulsão de morte e como validar a hipótese de que a substância viva estaria fadada a morrer por causas internas? É para o movimento de encontrar argumentos que justifiquem e validem a hipótese das pulsões de morte que gostaríamos de chamar atenção. A insatisfação de ter diante de si uma teoria de difícil elucidação é assim expressa: “Dada a obscuridade que hoje envolve a teoria das pulsões, não seria bom rejeitar qualquer idéia que nos promettesse esclarecimento” (FREUD, 1920). A teoria dualista é timidamente aproximada às formulações de E. Hering, para quem haveria dois pro-

¹ Trabalhos de Wilhelm Fliess (1906), de Weismann (1882,1884, 1892), de Goethe (1883), de Hartmann (1906) e do biólogo americano Woodruff.

cessos na substância viva, um destrutivo e outro assimilatório. Mas Freud certamente não se contenta com esta aproximação.

No estudo do sadismo e do masoquismo ele busca um exemplo da atuação das pulsões de morte. É bem-sucedido, muito embora reconheça que nesses casos ela apareça deslocada. O estudo produz nele uma impressão mística com relação a esta classe de pulsão (FREUD, 1920). Então, continua em busca de argumentos que corroborem sua construção teórica a fim de fundamentar a idéia da dominação máxima e geral das pulsões de morte. Retoma o princípio de constância como fundamento econômico do princípio do prazer, e reitera a hipótese do princípio de nirvana. É neste princípio, voltado para a eliminação da tensão da excitação interna, que ele encontra um dos mais fortes motivos para acreditar na existência destas pulsões.

Monzani (1989) salienta que a questão da morte atravessa de ponta a ponta o discurso freudiano como uma exigência que exprime uma de suas principais descobertas: a tendência à evacuação total. A emergência do tema da morte não é radicalmente nova no seu pensamento, e, nesse sentido, a introdução do conceito não teria promovido uma verdadeira mudança na etapa final de seu pensamento. Ela não seria fruto do pessimismo que eclodiu com os fatos dolorosos da grande guerra e de sofrimentos pessoais. Se há pessimismo em Freud, observa o comentador, então é preciso reconhecer que ele percorre toda a obra, porque o tema da morte também o percorre do início ao fim. As formulações são hesitantes e ambíguas e, apesar de serem colocadas às vezes claramente, não é possível extrair todas as conseqüências implícitas.

O essencial está em constatar que existe claramente uma *exigência inquestionável* (embora muitas vezes implícita) comandando a lógica do sistema, dadas as suas premissas e que implica o reconhecimento, como diz M. Shneider, de uma “finalidade essencialmente mortuária”, nesse primado radical da teoria (MONZANI, 1989).

Mesmo tendo resgatado o princípio de nirvana para justificar a pertinência de sua formulação, perto do final de *Além do princípio do prazer*, refletindo criticamente sobre as hipóteses apresentadas, Freud diz não se achar convencido da veracidade de suas teses e reitera a provisoriade de sua teoria.

Parece-nos que uma dificuldade significativa, encontrada na validação da hipótese da pulsão de morte, relaciona-se a um traço dessa pulsão sobre o qual

nos centraremos a partir de agora. Esse traço nos conduzirá diretamente às contribuições de algumas formulações de Freud acerca da cultura para a elaboração deste conceito. Estamos falando de um aspecto da pulsão de morte que difere da pulsão de vida. Em uma observação feita em *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]), que complementa em certa medida as formulações do texto de 1920, o autor reconhece não ser fácil averiguar a atividade da pulsão de morte. Refere que as exteriorizações de Eros, em contrapartida, são mais visíveis e ruidosas e que a pulsão de morte opera silenciosamente dentro do ser vivo no sentido de sua destruição.

Acerca de tal silêncio Ricoeur (1977) afirma que a pulsão de morte não deixa vestígios, é uma energia “muda” em oposição ao “clamor” da vida. A pulsão de morte encontra, assim, impasses no tocante ao problema da representabilidade. Segundo Monzani (1989) toda pulsão tem seu primeiro lugar de inscrição no inconsciente, e, no inconsciente – Freud teria sempre insistido nesse ponto –, não há negação. O operador *não* é, por definição, da ordem do pensamento e da linguagem, do sistema secundário.

Assim, a idéia de morte, sendo essencialmente negativa (não-vida, não-viver), não tem possibilidade de se inscrever no inconsciente. Nesse sentido, a pulsão de morte seria o irrepresentável por excelência. [...] Tudo parece indicar que algo muito mais radical está sendo expresso com o termo ‘pulsão de morte’. Se a pulsão de morte é aquilo que está na raiz de todo pulsional, se ela é o mais pulsional da pulsão, talvez seja preciso concordar que esse elemento escapa tanto à consciência quanto ao inconsciente, que desses dois sistemas apenas apreendemos os efeitos daquela raiz, efeitos de uma finalidade arcaica e cega, uma espécie de força bruta e mecânica que se instila através de seus derivados (MONZANI, 1989).

A opinião de Laplanche (1992) vai na mesma direção: a pulsão de morte seria a pulsão em estado bruto, pulsão sem representação fixa de alvo nem de objetivo, uma espécie de força cega autodestruidora, sendo por isso mesmo mais um princípio, um modo de funcionamento da força psíquica, do que uma verdadeira pulsão com seus alvos e objetos específicos.²

² Esta opinião encontra-se em J. Laplanche, *O inconsciente e o id - Problemáticas IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

O germe da pulsão de morte é situado em *Totem e tabu* (1908) e a hipótese do mito da horda, à qual Freud faz referência no seu percurso teórico, e a partir da qual ele justifica a universalidade do complexo de Édipo e a hipótese das heranças filogenéticas, coloca a agressividade como o ato fundante da cultura. Isto amplia o lugar até então destinado à reflexão das manifestações agressivas. O parricídio é escolhido como a ação responsável pelo advento da sociedade e de suas leis reguladoras: a lei de proibição do incesto, do “não matarás”, os fundamentos das religiões monoteístas e das instituições sociais. Antes da introdução propriamente dita do conceito de pulsão de morte a cultura já se configura como um solo sobre o qual a agressividade é identificada de forma ampla.

Todas as formações culturais que trazem consigo as marcas filogenéticas do crime contra o pai da horda serão o palco da produção da destrutividade em escala macro. *Psicologia das massas e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na civilização* (1930) e *O por quê da guerra* (1933) revelam uma imensa variedade de expressões desta pulsão. O conceito de pulsão de morte só se desenvolve e só tem melhores condições de ser elucidado no domínio das relações que os homens estabelecem com seus semelhantes: quando o foco recai sobre sua forma de exteriorização, como pulsão agressiva, que alavanca a rivalidade e o ódio entre os grupos, produz a guerra – forma desimpedida de a pulsão de morte aparecer –, ameaçando a sobrevivência da cultura. Nesses textos, as duas pulsões assumem formas antes não vistas. Eles apresentam a pulsão de morte operando na totalidade dos fenômenos sociais e da vida compartilhada e, por isso, favorecem a ampliação de seu sentido.

Voltemos um instante para as expressões da pulsão de morte na clínica. Se *Além do princípio do prazer* (1920) introduz a psicanálise na dimensão do trágico, com a hipótese das pulsões de vida e de morte foi somente de uma maneira abstrata, observa Porte (2002). “O ensaio torna-se especulativo e Freud não se furta de extrair conseqüências da hipótese da pulsão de morte” (PORTE, 2002). Ele discrimina os efeitos desta classe de pulsão na reação terapêutica negativa, no par sadismo-masochismo, nos movimentos repetitivos das brincadeiras infantis, nas neuroses traumáticas, na ação desta pulsão conjugada com a ação do superego, no masochismo moral e no suicídio do melancólico. A pulsão expressa-se diferentemente em cada um desses fenômenos: no ódio do paciente ao processo analítico e ao analista, na satisfação sexual pelo ato de infligir dor ao outro e de sentir dor, no retorno das brincadeiras infantis, na reencenação de momentos traumáticos, no gozo com o sofrimento da doença no neurótico e, finalmente, na morte propriamente dita do melancólico

– a pulsão em sua forma bruta; lembrando que o termo empregado por Freud nesse caso é *cultura pura das pulsões de morte*.

No plano cultural esse grupo de pulsões produz outros efeitos. Efeitos suaves, como a ironia, o sentimento de mal-estar no homem moderno, e a gargalhada nos chistes. Efeitos agressivos: a rivalidade entre grupos, a desunião entre as pessoas. E efeitos violentos, como os roubos e os assassinatos. E um que choca Freud em particular: a guerra e o extermínio coletivo. Graças à investigação cultural, o fundador da psicanálise tem condições de identificar o que Porte (2002) denomina de *prática universal da morte*, singular à espécie humana, em novos fenômenos que carregam o sinal da violência, o que lhe permite ampliar os exemplos de atuação da pulsão de morte e de reunir mais dados para validar sua hipótese.

Ao atribuir a Eros e às pulsões de morte o poder de governar todas as ações humanas, *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]), avança significativamente o movimento de expansão do conceito, já que todos os atos coletivos e individuais que conduzem os homens à desunião, aos conflitos e à morte são atribuídos à ação conjunta das duas classes de pulsões. O leitor da obra de Freud compreende com este texto que a pulsão de morte, ao mesmo tempo em que se manifesta em cada ser humano individualmente, aparece também no nível macro das coletividades. Este *salto*, digamos assim, do individual para o grupal, no qual Freud vê nas manifestações sociais os mesmos sinais que encontra na clínica, habilita-o, primeiro, a compreender mais amplamente a natureza do homem; segundo, a elaborar hipóteses complementares às teses sobre a renúncia do pulsional, introduzidas em 1908, com *A moral sexual civilizada e o nervosismo moderno*; e, terceiro, a generalizar a hipótese das pulsões de morte, baseada em dados concretos – os efeitos das pulsões aos quais nos referimos – e comuns a todos os homens.

Isto dito, ao localizar as pulsões de morte na esfera dos fenômenos inaugurais da sociedade e das relações sociais de forma geral, Freud parece ampliar a compreensão do conceito e seu alcance na interpretação dos fenômenos da vida. Nesse movimento de ampliação, ele reivindica seu estatuto universal: identifica a pulsão de morte em toda e qualquer ação humana de caráter agressivo ou destrutivo, esteja ela mesclada de erotismo ou não, seja ela normal ou patológica, seja ela individual ou coletiva. A pulsão de morte abandona sua expressão silenciosa quando o olhar de Freud se volta para a vida compartilhada e para a premissa de que o conflito é inerente à vida em sociedade. O conflito é parte integrante da constituição pulsional do homem e da relação estabelecida com ele pela civilização, relação de privação e frustração. O esfor-

ço de Freud em exemplificar e ilustrar a ação dessas pulsões no plano cultural, além de validar o conceito, intensificando o grau de convencimento a seu respeito, amplia sua definição. A cultura, desse modo, oferece-se como um campo indutor para a elaboração da concepção de pulsão de morte.

Tais são, a nosso ver, as razões pelas quais a investigação cultural é necessária para uma compreensão ampla da pulsão de morte. As reflexões metapsicológica e cultural caminham juntas e se influenciam mutuamente. A discussão aqui realizada permite-nos valorizar a concepção freudiana de cultura e retirá-la do lugar de mera aplicação das teses metapsicológicas ou *psicanálise aplicada*. As formulações sobre a cultura portam a mesma legitimidade das construções clínicas como fornecedoras de material concreto ao empenho de Freud em tornar verossímeis suas construções teóricas. Por isso, participam significativamente do processo de elaboração e de desenvolvimento das concepções metapsicológicas. Finalmente, não esqueçamos da célebre idéia anunciada em *Psicologia das massas e análise do ego* (1923) segundo a qual toda psicologia é social, o sujeito deve ser sempre considerado em sua dimensão social e cultural, na medida em que ele se constitui por meio de relações inter-subjetivas.

Tramitação:

Recebido em 13/03/2009

Aprovado em 15/07/2009

Maria Vilela Pinto Nakasu

Rua Cotoxó, 130/31

Vila Pompéia-São Paulo-SP

05021-000

fone: (11) 3892-9532

e-mail: marianakasu@hotmail.com

Referências

FREUD, Sigmund. *A moral sexual civilizada e o nervosismo moderno*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. v. 9. [1908].

_____. *Tótem y tabú*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. v. 13. [1913]. p 1-164.

_____. *Más allá del principio de placer*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. v. 18. [1920], p. 1-62.

_____. *Psicología de las massas y análisis del yo*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. v. 18. [1921], p. 63-136.

_____. *El porvenir del una ilusión*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. v. 21. [1927], p. 1-56.

_____. *El malestar en la cultura*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. v. 21. (1930 [1929]), p. 57-140.

_____. *El porqué de la guerra*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. v. 22. (1933 [1932]), p. 179-198.

_____. *Moisés y la religión monoteísta*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989. v. 23. (1939 [1934-38]), p. 1-132.

LAPLANCHE, Jean. *Problemáticas IV: o inconsciente e o id*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MONZANI, Luiz Roberto. *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas: Unicamp, 1989.

PORTE, Michèle. *De la cruauté collective et individuelle: singularités de l'élaboration freudienne*. Paris: L'Harmattan, 2002.

RICOEUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. [1965].